

**EPITeen24: Reproduzir ou contrariar o destino social?**  
***Estudo longitudinal de uma geração nascida nos anos 90 do  
século XX em Portugal***

Anália Torres e Henrique de Barros (Coordenadores)

Elisabete Ramos, Bárbara Barbosa Neves, Diana Carvalho, Diana Maciel, Fátima Assunção, Fernando Serra, Helena Sant'Ana, Lara Tavares, Rui Brites e Vitória Mourão

**Resultados preliminares**

**Aos 13, 17 e 21 anos**

Sessão de apresentação do projeto

27 de Fevereiro de 2014

Fundação Champalimaud

## EPITeen24: Reproduzir ou contrariar o destino social?

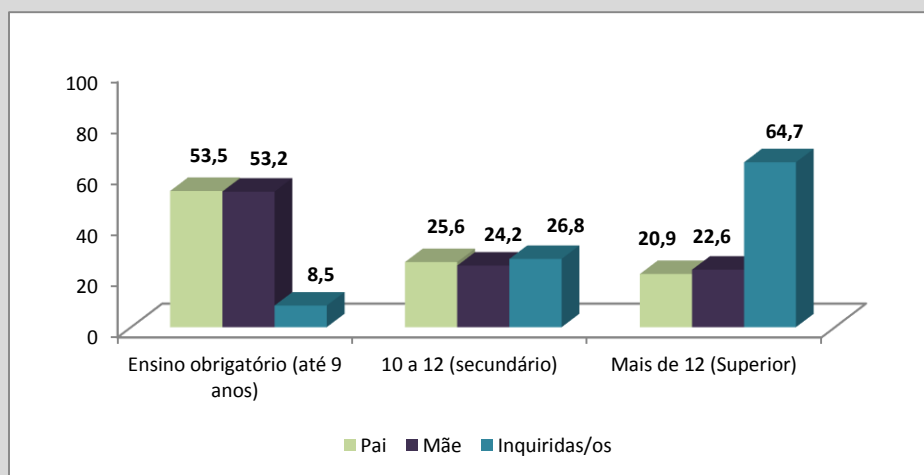
*Estudo longitudinal de uma geração nascida nos anos 90 do século XX em Portugal*

### 1. De onde partiram estas/es jovens e onde estão agora?

#### 1.1. A escolaridade dos filhos triplica a dos pais

- Os dados mostram que, **no que diz respeito à escolaridade, as/os inquiridas/os contrariam o destino social dos pais**, (Figura 1). Ou seja, apesar de a maioria dos pais terem apenas o ensino obrigatório (53,2% das mães e 53,5% dos pais), o peso deste nível de escolaridade para as/os inquiridas/os desce significativamente (8,5%). Esta tendência para o aumento da escolaridade nas/os inquiridas/os reflecte-se no ensino superior. Apenas 22,6% das mães e 20,9% dos pais têm licenciatura face a 36,9% das/os inquiridas/os. Os restantes 27,8% das/os jovens (na categoria do ensino superior) estão a frequentar a licenciatura.

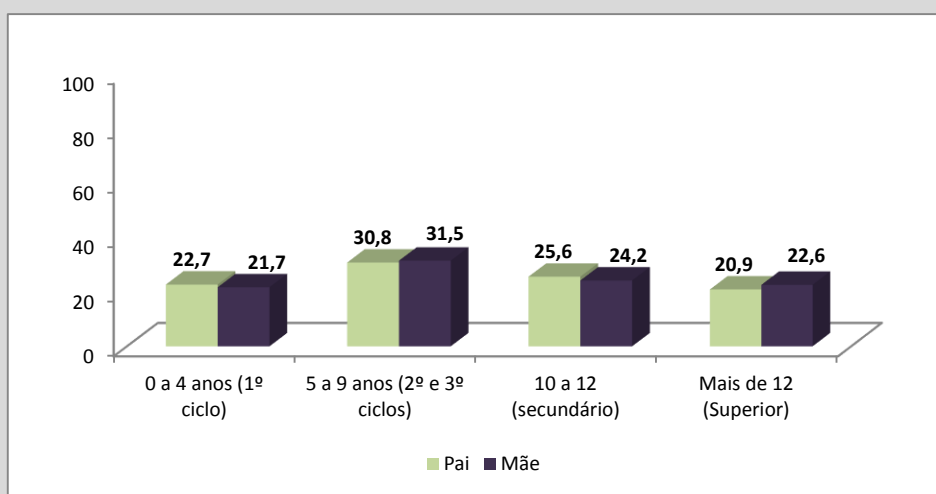
Figura 1.



### Vejamos melhor os pais:

- Apesar de a maioria dos pais (pai e mãe) das/os jovens ter o ensino obrigatório (até ao 9º ano), é visível que o peso dos que têm apenas a 4ª classe é ainda relevante (22,7% dos pais e 21,7% das mães) (Figura 2).

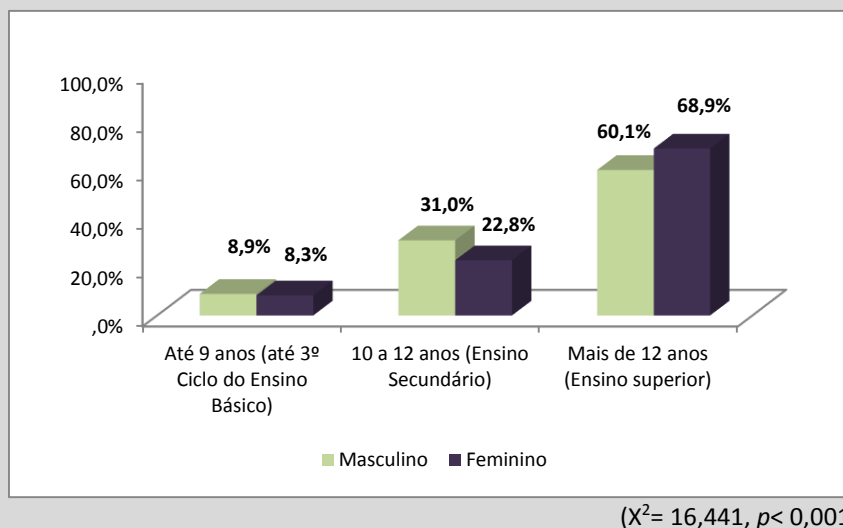
Figura 2.



### Vejamos melhor as/os jovens:

- As **raparigas parecem ser mais escolarizadas** do que os rapazes, o que é explicado em parte pela maior taxa de retenção escolar masculina (Figura 3). Ou seja, os rapazes continuam a estudar, a terminar as licenciaturas ou mesmo o ensino secundário ou técnico-profissional e as raparigas, na sua maioria, a seguir mestrados e especializações. 42,8% das raparigas e 30,3% dos rapazes já concluíram a licenciatura (têm 15 ou mais anos de escolaridade).

Figura 3.



## 1.2. Aos 21 anos, a grande maioria continua a estudar

- No que diz respeito à **trajetória e situação profissional**, e dada a idade das/os jovens, não se consegue ainda aferir o destino social. Ou seja, como as/os inquiridas/os têm apenas 21 anos, a esmagadora maioria encontra-se ainda a estudar. O que tem implicações quando se analisam as categorias profissionais. Ou seja, as/os jovens que estão a trabalhar aos 21 anos são os menos escolarizados. O que tem repercussões na análise em relação ao destino social. Isto porque as profissões que exijam maior especialização estarão tendencialmente menos representadas que no caso dos pais. Acontecendo o inverso nas profissões que exijam pouca escolarização.

### Vejamos melhor os pais:

- A esmagadora maioria têm trabalho (78,9% dos pais e 71,0% das mães).
- Relativamente aos motivos porque os 20,9% das mães e 9,6% dos pais **não têm trabalho**, percebem-se algumas diferenças. 40,3% dos pais estão à procura de emprego e 38,6% estão doentes, reformados ou são estudantes, enquanto 47,2% mães não têm emprego porque tomam conta de outros ou são domésticas.
- Tanto pais como mães, e dada a baixa escolaridade predominante, concentram-se nas **profissões** intermédias (34,7% e 39,8% respectivamente) (Tabela 1). Seguem-se os especialistas das profissões científicas e intelectuais (21,3% e 26,1%). Depois, as mães concentram-se nos trabalhos não qualificados (20,8%) e os pais no sector do operariado (16,3%) e nos quadros superiores de empresas e administração pública (12,9%).

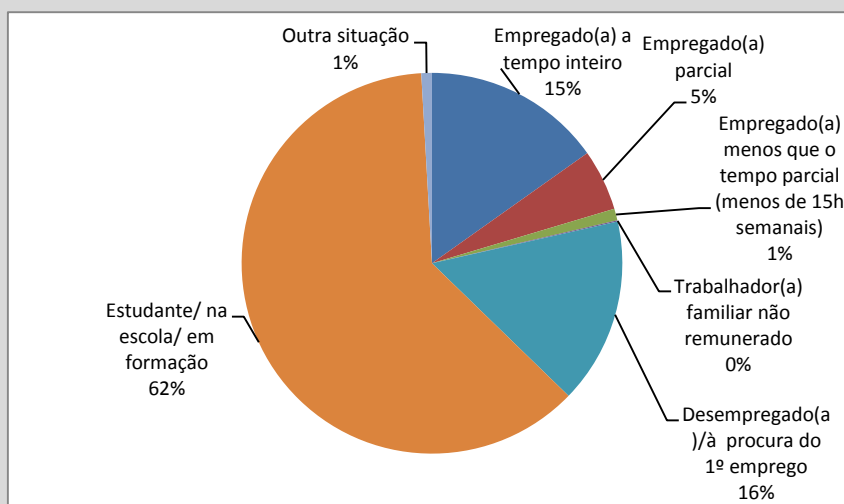
Tabela 1.

	CNP Mãe		CNP Pai	
	N	%	N	%
Militar	.	.	6	0,3
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	110	6,4	242	12,9
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	445	26,1	401	21,3
Técnicos e profissionais de Nível Intermediário	176	10,3	211	11,2
Pessoal Administrativo e Similares	239	14	157	8,4
Pessoal dos Serviços e Vendedores	264	15,5	283	15,1
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	6	0,4	13	0,7
Operários, artífices e trabalhadores similares	81	4,7	306	16,3
Operadores de instalações e máquinas e trab. da montagem	9	0,5	114	6,1
Trabalhadores não qualificados	356	20,8	72	3,8
Empresário pouco escolarizado (até ao 9º ano)	21	1,2	69	3,7
Empresário indiferenciado (sem escolaridade)	1	0,1	5	0,3
Total	1708	100	1708	100

**Vejamos melhor as/os jovens:**

- A **larga maioria revelaram estar ainda a estudar** (65,7% dos rapazes e 64,6% das raparigas). 15,8% estão desempregados ou à procura do 1º emprego e 15,2% empregados a tempo inteiro, destes a maioria tem até o Ensino Secundário (48,2% dos desempregados e 56,6% dos empregados) (Figura 4).

Figura 4.



- Nota-se que a grande maioria das/os inquiridas/os com pais pouco escolarizados (até aos 9 anos de escolaridade) estão ainda a estudar, contrariando assim o seu **destino social** (Tabela 2). Enquanto os que têm origens mais escolarizadas encontram-se em maior número a estudar, reproduzindo desta vez trajetórias académicas. Provavelmente continuando licenciaturas. Ainda é importante ressaltar que as/os inquiridas/os que estão a trabalhar são maioritariamente oriundos de famílias pouco escolarizadas.

Tabela 2.

Situação face ao trabalho (do próprio aos 21 anos) - %	Anos completos de escolaridade da mãe				Anos completos de escolaridade do pai			
	0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 12 anos	Mais de 12 anos	0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 12 anos	Mais de 12 anos
Empregado(a) a tempo inteiro	29,4	17,6	10,7	4,7	28,9	17,4	11,3	3,1
Empregado(a) parcial	8	8,3	5,6	1,4	7,9	8,6	4,7	1,5
Desempregado(a)/à procura do 1º	26,9	21,1	8,8	6,1	27,2	18,1	9,7	5,9
Estudante/ na escola/ em formação	34,3	51,9	74,7	86,4	34,8	55,3	73,5	88,2
Outra situação	1,4	1,2	0,2	1,4	1,3	0,7	0,7	1,3
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

- Apesar de as raparigas serem tendencialmente mais escolarizadas, é perceptível que elas enfrentam maiores dificuldades **no mercado de trabalho**. Ou seja, enquanto que 16,7% dos rapazes trabalham a tempo inteiro, apenas 13,7% das raparigas o conseguem. 7,7 das raparigas trabalham a tempo parcial face a 5,4% dos rapazes. Sendo que, dentro destes inquiridas/os que se encontram a trabalhar a tempo parcial, a maioria preferia trabalhar a tempo inteiro. Esta desigualdade já não é sentida no desemprego ( $\chi^2 = 16,378$ ,  $p = 0,012$ ).

#### Dentro dos que estão a trabalhar:

- A grande maioria insere-se nas **profissões** intermédias e de serviços (69,9% no total e 77,6% dos rapazes e 61,1% das raparigas) (Tabela 3).

Tabela 3.

Profissão (CNP)		
	N	%
Militar	10	1,8
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	3	0,5
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	47	8,5
Técnicos e profissionais de Nível Intermédio	78	14,1
Pessoal Administrativo e Similares	74	13,4
Pessoal dos Serviços e Vendedores	234	42,4
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	2	0,4
Operários, artífices e trabalhadores similares	43	7,8
Operadores de instalações e máquinas e trab. da montagem	12	2,2
Trabalhadores não qualificados	48	8,7
Empresário pouco escolarizado (até ao 9º ano)	1	0,2
<b>Total</b>	<b>552</b>	<b>100</b>

- No entanto, as raparigas concentram-se maioritariamente na categoria do “Pessoal dos Serviços e Vendedores” (53,6% e 31,3%), enquanto os rapazes têm um peso significativo nos “Técnicos e profissionais de nível intermédio” (18,0%). Outra diferença de género visível é que 13,6% dos rapazes inserem-se na categoria dos “Operários, artífices e trabalhadores similares” e 10,7% das raparigas na dos “Trabalhadores não qualificados”.
- Todos os que estão a trabalhar aos 21 anos **deixaram o ensino** em média com cerca dos 18 aos 19 anos, com a excepção dos Quadros Superiores e dos Especialistas das Profissões intelectuais e Científicas, que deixaram, em média com 19,7 e 20,8 anos, respectivamente.
- A grande maioria dos jovens aos 21 anos nunca tinha **emigrado para trabalhar**. A minoria que já emigrou é ligeiramente maior nos que completaram até o 12º ano (3,9%) comparando com os que estudaram mais de 12 anos completos (2,2%). A maioria imigrou pela primeira vez aos 21 anos.

- Quando se analisa a categoria profissional dos pais e das/os inquiridas/os, tal como já foi destacado, percebe-se que a maior escolarização dos segundos nem sempre se reflecte numa **mobilidade profissional** ascendente. Para o que é importante considerar que, aos 21 anos, muitas/os inquiridas/os ainda não terminaram a sua licenciatura, apesar de estarem a frequentar o ensino superior, o que os impede obrigatoriamente de ter profissões intelectuais e científicas ou de ocupar cargos de direcção.
- Deste modo, diminui a proporção de especialistas das profissões intelectuais e científicas (21,3% dos pais e 26,1% das mães face a 8,1% dos rapazes e 8,6% das raparigas). E aumenta o peso das profissões intermédias. 34,7% dos pais e 39,8% das mães face a 77,6% das raparigas (com destaque para o pessoal dos serviços e vendedores – 53,6%) e 61,1% dos rapazes (com maior equilíbrio entre as várias categorias).
- Diminui ainda o peso dos quadros superiores e dirigentes (12,9% dos pais e 6,4% das mães face a 1,1% dos rapazes e 0% das raparigas) e a proporção de operários e operadores de máquinas. Passa de 22,4% dos pais e 5,2% das mães para 17,3% dos rapazes e 2,9% das raparigas.
- Diminui também o peso dos trabalhadores não qualificados no sexo feminino, mas aumenta no sexo masculino. 20,8% das mães face a 10,7% das raparigas e 3,8% dos pais face a 8,1% dos rapazes.
- Sendo importante verificar que rapazes e raparigas parecem não conseguir, pelo menos por enquanto, contrariar o destino social de género. Ou seja, continua a verificar-se maior proporção de rapazes nas categorias de operariado e operadores e de raparigas nos trabalhos não qualificados. Para além de, já aos 21 anos, continuar a verificar-se maior peso de rapazes em quadros de direcção do que de raparigas.



### 1.3. Aos 13 anos, a maioria das/os jovens aspirava a ser especialista das profissões intelectuais e científicas

- A esmagadora maioria das/os inquiridas/os respondeu que, no futuro, gostaria de ser **especialista das profissões intelectuais e científicas** (72,3% das raparigas e 58,9% dos rapazes) (Tabela 4). Categoria onde se encontram profissões tão distintas como veterinária e atriz (largamente mencionadas pelas raparigas), mas também advogada/o, psicóloga/o, economista, professor/a, matemática/o, etc. No entanto, mais rapazes do que raparigas responderam técnicos e profissionais de nível intermédio (25,3% e 14,4%), explicado, por exemplo, com o peso dos que aspiravam a ser atletas de alta competição, nomeadamente futebolistas.

Tabela 4.

	Raparigas	Rapazes
Militar	,3%	,2%
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	,4%	2,4%
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	<b>72,3%</b>	<b>58,9%</b>
Técnicos e profissionais de Nível Intermédio	<b>14,4%</b>	<b>25,3%</b>
Pessoal Administrativo e Similares	,4%	,1%
Pessoal dos Serviços e Vendedores	5,6%	4,3%
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	0,0%	,1%
Operários, artífices e trabalhadores similares	0,0%	3,5%
Operadores de instalações e máquinas e trab. da montagem	0,0%	,6%
Trabalhadores não qualificados	,1%	0,0%
Empresário pouco escolarizado (até ao 9º ano)	0,0%	0,0%
Empresário indiferenciado (sem escolaridade)	0,0%	0,0%
Referência a mais do que uma profissão	6,4%	4,4%
Total	100,0%	100,0%

## 2. O impacto da origem na trajetória escolar e profissional

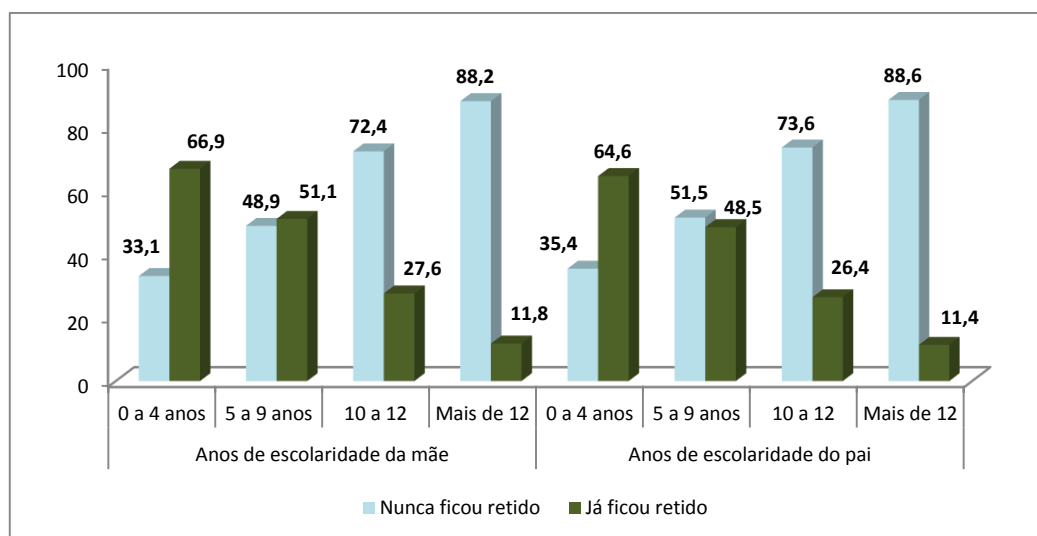
- Globalmente, aos 17 anos, 40,7% das/os jovens (N= 1003) já tinha alguma vez ficado retido na escola, fazendo com que 59,3% (N=1453) nunca o tivesse ficado. As raparigas apresentaram, no entanto, uma **taxa de retenção** inferior à dos rapazes (37,1% e 44,4% respetivamente) ( $\chi^2= 13,464$ ,  $p < 0,001$ ).
- No geral, as/os jovens destacam como razões para a reprovação escolar as faltas às aulas, o não estudar o suficiente, o comportamento e as más notas (Figura 5).

Figura 5



- Quanto maior a escolaridade dos pais, menor a percentagem de jovens que já reprovou. Para os jovens cujos pais só completaram até ao 3º ciclo do Ensino Básico (9º ano) aproximadamente 50 ou 60% já chumbaram. Já os que têm pais que completaram o Ensino Secundário ou Superior, a grande maioria, 70% e 90% nunca reprovou.
- É ainda de salientar que, no entanto, mesmo com escolaridade baixa de origem (da mãe ou do pai) ainda há muitos jovens que nunca ficaram retidos (42,4% e 44,7% dependendo do progenitor). O que, como também já se viu, pode contribuir para explicar porque chegam a níveis de escolaridade bem mais elevados do que os seus pais (Figura 6).

Figura 6.



(Mãe:  $\chi^2= 413,3$ ,  $p < 0,001$ ; Pai:  $\chi^2= 371,094$ ,  $p < 0,001$ )

- Os que ainda estão a estudar aos 21 anos são os que menos reprovaram (18%) (Tabela 5). Nos que estão a trabalhar 57,3% ficaram retidos, e nos desempregados 61,7%.

Tabela 5.

	Situação face ao trabalho (do próprio - 21 anos)					
		Empregado (a) a tempo inteiro	Empregado (a) parcial	Desempregado(a) / à procura do 1º emprego	Estudante/ na escola/ em formação	Outra situação
		%	%	%	%	%
Ficou alguma vez retido	Não	42,7	51,6	38,3	82,0	58,3
	Sim	57,3	48,4	61,7	18,0	41,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

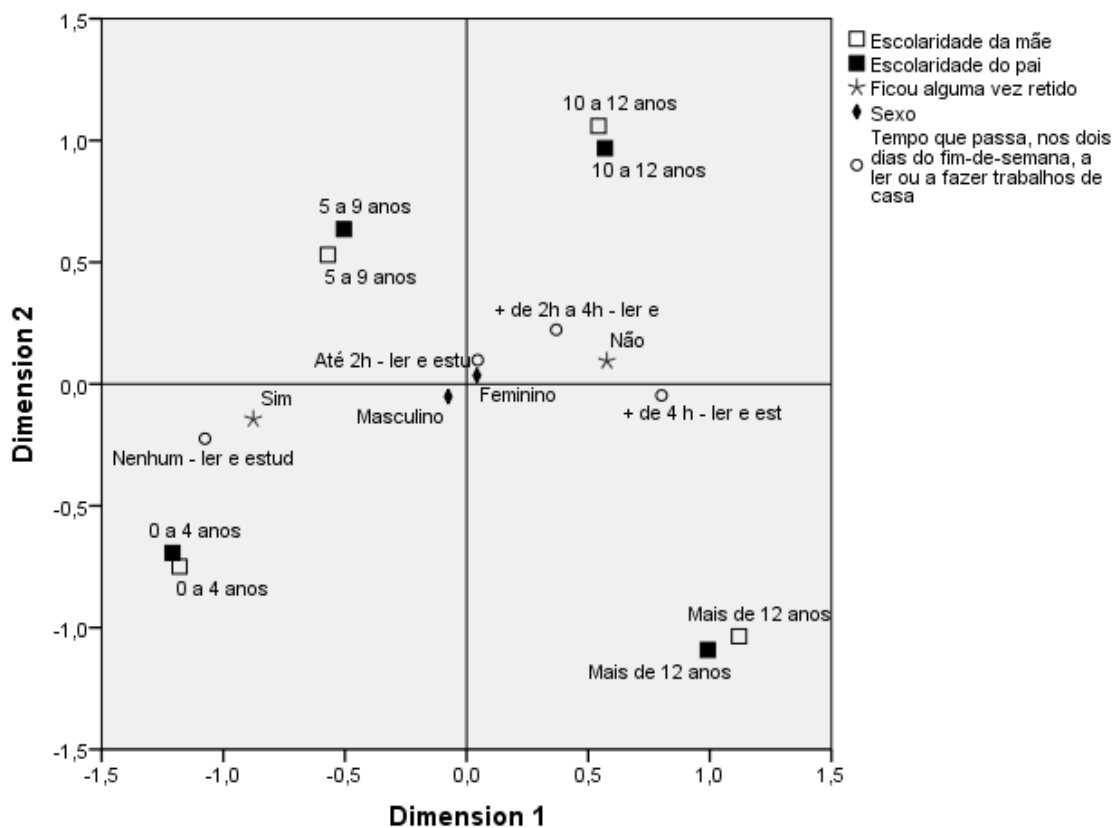
- Através da **categoria profissional dos pais** também se observa um grande contraste de **taxas de retenção escolar** (Tabela 6). Os jovens filhos de Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas são os que menos demonstram insucesso escolar, com uma percentagem de não retenção de aproximadamente 90%, acompanhados também pelos filhos dos Quadros Superiores e Dirigentes e os Profissionais de Nível Intermédio, rondando os 80%. Por contraste, a retenção escolar é muito elevada nos Trabalhadores não qualificados e nos Operários (cerca de 60%). Note-se, no entanto, que a profissão dos pais parece ter mais efeitos na não retenção do que a profissão das mães. Por outro lado, veja-se ainda que, sempre que as/os inquiridas/os são filhas/os de Empresárias/os poucos escolarizadas, o nível de retenção é muito baixo (26%), o que pode evidenciar um investimento financeiro na educação das/os filhas/os.

Tabela 6.

	%	Ficou alguma vez retido	
		Não	Sim
<b>Mãe</b>			
Quadros Sup. da Adm. Púb., Dirigentes e Quadros Sup. de Empresa	77,8	22,2	
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	88,5	11,5	
Técnicos e profissionais de Nível Intermédio	78,4	21,6	
Pessoal Administrativo e Similares	70,6	29,4	
Pessoal dos Serviços e Vendedores	55,5	44,5	
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	16,7	83,3	
Operários, artífices e trabalhadores similares	42	58	
Operadores de instalações e máquinas e trab. da montagem	77,8	22,2	
Trabalhadores não qualificados	36,8	63,2	
Empresário pouco escolarizado (até ao 9º ano)	61,9	38,1	
Empresário indiferenciado (sem escolaridade)	100	0	
<b>Pai</b>			
Militar	83,3	16,7	
Quadros Sup. da Adm. Púb., Dirigentes e Quadros Sup. de Empresa	80,4	19,6	
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	89,2	10,8	
Técnicos e profissionais de Nível Intermédio	76,3	23,7	
Pessoal Administrativo e Similares	70,7	29,3	
Pessoal dos Serviços e Vendedores	60,2	39,8	
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	53,8	46,2	
Operários, artífices e trabalhadores similares	37,9	62,1	
Operadores de instalações e máquinas e trab. da montagem	51,3	48,7	
Trabalhadores não qualificados	37,5	62,5	
Empresário pouco escolarizado (até ao 9º ano)	73,9	26,1	
Empresário indiferenciado (sem escolaridade)	60	40	

- Através da escolaridade dos pais, do sexo, da retenção e do tempo de leitura consegue-se definir **quatro perfis com características associadas** (Figura 7). Estes perfis definem-se essencialmente pela escolaridade dos pais. Por um lado temos os pais e mães mais escolarizados, com Ensino Secundário e Superior que estão mais correlacionados ao sucesso escolar (não-retenção) e ao sexo feminino. Por outro, os pais até 9º ano de escolaridade, e que estão mais associados à retenção escolar e ao sexo masculino. Verifica-se associações privilegiadas entre os tempos de leitura ou de trabalhos de casa ao fim-de semana; à medida que a escolaridade dos pais aumenta, aumenta também o tempo de leitura e estudo.

Figura 7.

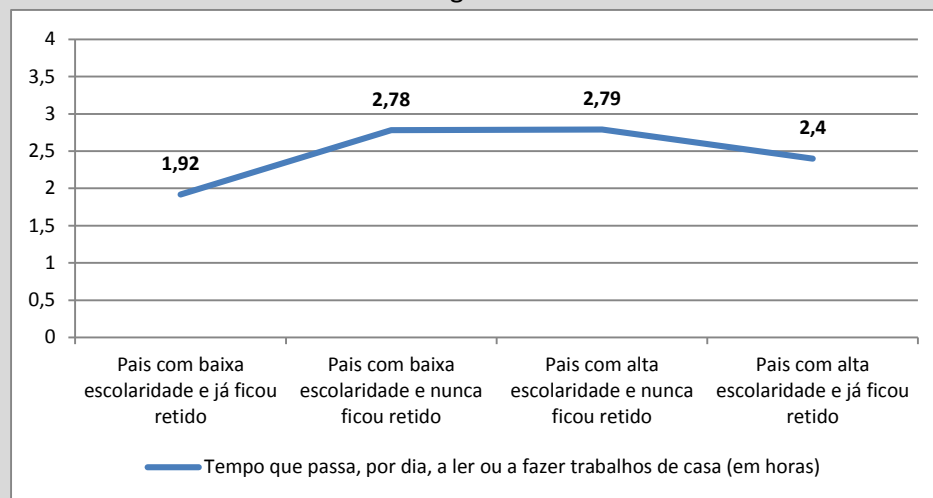


### 3. Leitura e estudo atenuam os efeitos das origens sociais diferenciadas

#### Leitura

- Verificou-se também que, aos 13 anos, à medida que a escolaridade dos pais aumenta, aumenta também a percentagem de **leitura de livros**, apesar de serem mais de metade os que afirmaram ler um livro nos últimos 3 meses mesmo nos que herdaram menor capital cultural (Mãe:  $\chi^2= 137,911, p < 0,001$ ; Pai:  $\chi^2= 123,742, p < 0,001$ ) (Figura 8).
- Nos dias de semana, independentemente da escolaridade dos pais, os jovens de 17 anos passam quase 3 horas por dia a ler. Este resultado sugere-nos que o efeito da baixa escolaridade dos pais poderá se compensado pela **leitura ou estudo**.

Figura 8.



- Já nos que reprovaram, os que têm pais mais escolarizados lêem em média mais meia hora do que os outros.
- O género também parece ter um papel diferenciador. Tendencialmente, as raparigas apresentam maior tempo dedicado a actividades como a leitura ou trabalhos de casa e os rapazes a jogos de computador ou *playstation*.

### Televisão

- No que diz respeito à **televisão**, as/os inquiridas/os que têm pais com mais escolaridade (ensino secundário ou superior), declaravam, **aos 13 anos**, passar em média menos tempo durante a semana (cerca de 3 quartos de hora) a ver televisão (um total de cerca de 2 horas) (Mãe:  $F= 20,093, p < 0,001$ ; Pai:  $F= 15,333, p < 0,001$ ).
- À medida que a escolaridade dos pais aumenta, diminui o tempo que as/os jovens passam a ver televisão no fim-de-semana, com uma diferença média de duas horas (Mãe:  $F= 25,292, p < 0,001$ ; Pai:  $F= 24,220, p < 0,001$ ).
- Aos **17 anos**, as/os jovens que já reprovaram passam mais tempo a ver TV, durante a semana.
- As/os jovens que têm pais com mais escolaridade dedicam menos tempo a esta atividade.

### Jogar computador

- No que diz respeito a tempo passado a **jogar computador** as/os jovens que, aos 17 anos, nunca reprovaram passam em média menos 15 a 20 minutos do que os que aqueles que já ficaram retidos na escola, independentemente da escolaridade dos pais.
- Relativamente à participação em **atividades de lazer**, a maioria dos jovens refere, aos 17 anos, nunca o fazer (Figura 8). Esta percentagem é ainda mais expressiva nos que simultaneamente já ficaram retidos e nos que têm pais com escolaridade mais baixa (65,9%) (Tabela 7).

Tabela 7.

	Pais com baixa escolaridade e já ficou retido	Pais com baixa escolaridade e nunca ficou retido	Pais com alta escolaridade e nunca ficou retido	Pais com alta escolaridade e já ficou retido
Nunca	65,9	55,1	50,1	57,6
Menos que 1 vez por semana	8	9,5	8,4	9
1 vez por semana	11,7	16,5	19,9	14,4
2 a 3 vezes por semana	10	14,4	16,4	14
4 a 6 vezes por semana	1,9	1,8	2,4	2,9
Todos os dias	2,5	2,7	2,8	2,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

### Prática desportiva

- Relativamente à **prática desportiva**, aos 13 anos, a maioria das/os inquiridas/os com pais com menor escolaridade (até o 9º ano) não praticava desporto fora da escola (cerca de 40%). Já a maioria das/os inquiridas/os com pais com mais escolaridade praticava (56% nos pais com o Ensino Secundário e 71,6% nos pais com Ensino Superior) (Mãe:  $\chi^2=127,417$ ,  $p < 0,001$ ; Pai:  $\chi^2=121,0965$ ,  $p < 0,001$ ).
- Aos 17 anos, os jovens com pais com escolaridade mais alta continuavam a praticar mais desporto do que os que têm pais com escolaridade baixa, mas essa diferença não é tão ampla (rondando entre os 46% e o 62% os que praticavam algum desporto).

- Em relação à participação em actividades desportivas extra-escolares, a maioria nunca faz, mas é mais expressiva, nos jovens com pais menos escolarizados, e também nos jovens que já ficaram retidos.

### Tabaco

- A maioria das/os inquiridas/os, aos 13 anos, declarou nunca **ter fumado**, sendo que os que já o fizeram, a maior percentagem, quase um quarto, são os que têm pais com menor escolaridade (Mãe:  $\chi^2= 6,513$ ,  $p=0,09$ ; Pai:  $\chi^2= 0,918$ ,  $p=0,82$ ). Desses, aqueles que o fazem ocasionalmente e diariamente, em oposição ao que só experimentaram, são filhos provenientes de pais com escolaridade mais elevada (Mãe:  $\chi^2= 6,268$ ,  $p=0,51$ ; Pai:  $\chi^2= 6,418$ ,  $p=0,38$ ).

### Bebidas alcoólicas

- Já em relação ao **consumo de bebidas alcoólicas**, o oposto ocorre. Há uma maior percentagem de adolescentes que já experimentaram bebidas alcoólicas nas famílias cujos pais têm mais anos de escolaridade (cerca de 60%, face aos cerca de 47% nos jovens com pais de escolaridade mais baixa) (Mãe:  $\chi^2= 38,847$ ,  $p<0,001$ ; Pai:  $\chi^2= 37,196$ ,  $p<0,001$ ).

### Comportamentos de risco

- No que concerne a **comportamentos de risco**, os filhos de pais muito pouco escolarizados (até ao 4º ano de escolaridade) referiam, aos 17 anos, envolver-se mais em lutas (39,1%), e uma maior percentagem já ter sido alguma vez suspenso da escola (15,2%). Também uma maior percentagem declarou já ter sido detido (8,5%)\*.
- O quadro reverte-se quando se verifica que uma maior percentagem de jovens com pais mais escolarizados já cometeu um crime (cerca de 7%) comparativamente aos que têm pais menos escolarizados (cerca de 4%). Aqui a escolaridade do pai parece ter um efeito mais forte, quanto mais anos o pai estudou maior a percentagem de incidência de crime\*\*.

\*Envolvimento em lutas físicas – Mãe:  $\chi^2= 13,918$ ,  $p=0,03$ ; Pai:  $\chi^2= 11,404$ ,  $p= 0,07$

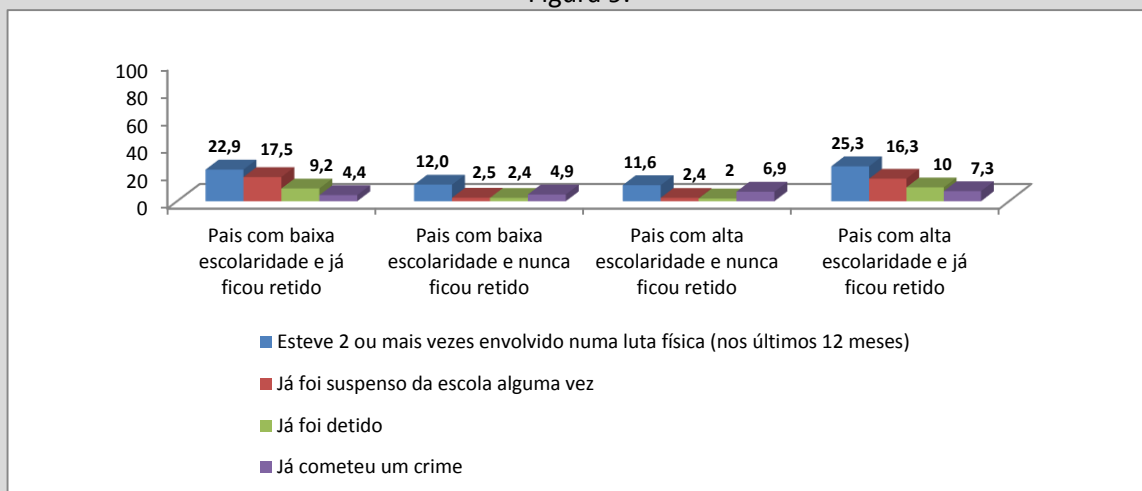
Suspensão escolar – Mãe:  $\chi^2= 49,633$ ,  $p<0,001$ ; Pai:  $\chi^2= 35,084$ ,  $p<0,001$

Ser detido – Mãe:  $\chi^2= 15,749$ ,  $p=0,001$ ; Pai:  $\chi^2= 12,349$ ,  $p=0,006$

\*\*Ter cometido um crime – Mãe:  $\chi^2=9,375$ ,  $p=0,025$ ; Pai:  $\chi^2= 11,566$ ,  $p=0,009$

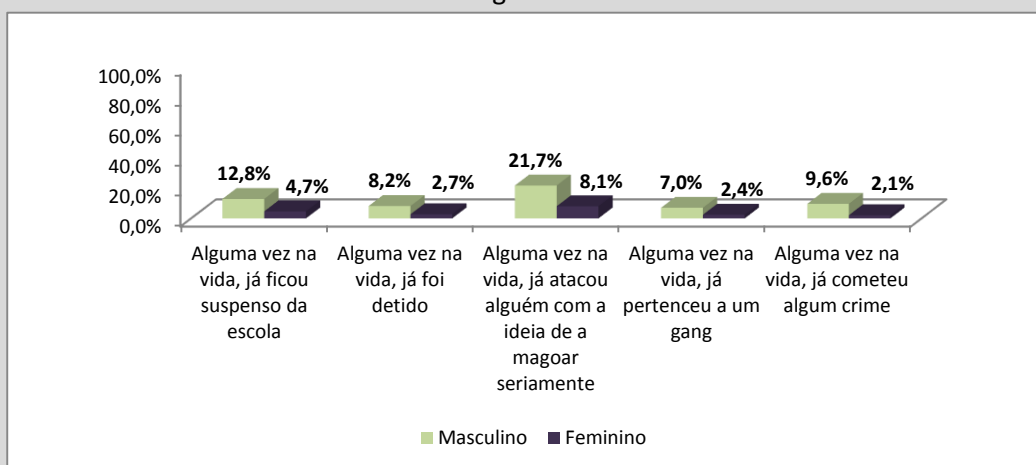


Figura 9.



- Quando se inclui a retenção, o efeito da escolaridade anula-se: os que já ficaram retidos envolvem-se mais em lutas físicas, mais já foram suspensos ou alguma vez detidos, sem a escolaridade dos pais introduzir diferença (Figura 9).
- Não é o caso para o já ter cometido um crime, aqui, a retenção tem pouco efeito, tendo a escolaridade dos pais mais.
- Mais uma vez, o género também parece ter influência (Figura 10). Os rapazes reportam comportamentos de risco em maior número do que as raparigas. Nomeadamente, o ficar suspenso da escola (12,8% face a 4,7%), ser detido (8,2% e 2,7% respectivamente), atacar alguém com a ideia de magoar seriamente (21,7% e 8,1%), pertença a um gang (7,0% e 2,4%) e cometer algum crime (9,6% e 2,1%).

Figura 10.



## Capital social

- À medida que aumenta a escolaridade dos pais, aumenta a frequência com que os jovens socializam (cerca de 50% dos jovens filhos de pais menos escolarizados socializam pelo menos um vez por semana, e cerca de 60 a 70% dos filhos de pais mais escolarizados fazem-no) (Tabela 8).

Tabela 8.

		Escolaridade da mãe				Escolaridade do pai			
		0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 12 anos	Mais de 12 anos	0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 12 anos	Mais de 12 anos
Com que frequência costuma socializar com os colegas	Nunca	5	3,3	0,9	0,7	5,2	2,1	1,7	0,6
	Menos de uma vez por mês	16,7	13,8	8,3	5,6	17,1	14,7	6,7	5,4
	Uma a três vezes por mês	31,9	33,1	29,2	25,9	35,9	31	28,1	26,6
	Uma ou mais vezes por semana	<b>46,4</b>	<b>49,8</b>	<b>61,7</b>	<b>67,8</b>	<b>41,9</b>	<b>52,2</b>	<b>63,5</b>	<b>67,4</b>
Total		100	100	100	100	100	100	100	100

(Mãe:  $s = 0,60$ ,  $p = 0,001$ ; Pai:  $s = 0,031$ ,  $p = 0,15$ )

- Os jovens com pais menos escolarizados são também os que menos pertencem a **grupos de actividades de lazer** (53,7%). Aqui a retenção tem efeito aumentando a % de jovens que nunca pertenceu a estes grupos. (Mãe:  $s = 0,221$ ,  $p < 0,001$ ; Pai:  $s = 0,20$ ,  $p < 0,001$ )
- A maioria dos jovens refere nunca receber **apoio económico**, sendo essa mais expressiva entre aqueles cujos pais detêm menor escolaridade. Já em relação ao apoio emocional, a frequência referida é mais elevada para todos. Os que afirmam recebê-lo muitas vezes são os jovens filhos de pais com escolaridade elevada, e os que têm sucesso escolar. (Mãe:  $s = 0,168$ ,  $p < 0,001$ ; Pai:  $s = 0,147$ ,  $p < 0,001$ ).
- Aos 21 anos verifica-se que uma maior percentagem de estudantes diz receber mais frequentemente “muitas vezes” **apoio emocional** por parte das suas redes próximas do que os que trabalham (54,9% e 39,1%, respectivamente). Os desempregados e os empregados são os que mais admitem participar menos que a maioria em actividades sociais (16,4% e 10%, respectivamente e 4,8% dos estudantes). (Mãe:  $s = 0,130$ ,  $p < 0,001$ ; Pai:  $s = 0,115$ ,  $p < 0,001$ ).

## Saúde

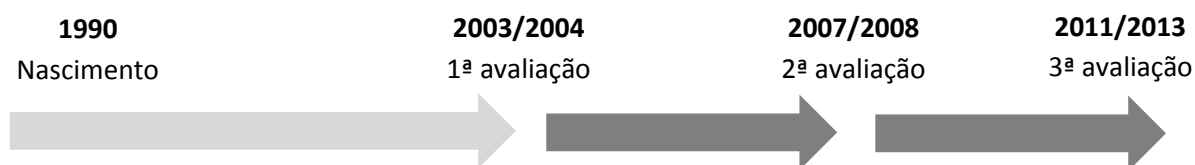
- Por fim, aos 17 anos, verifica-se uma maior incidência de sintomatologia depressiva nas raparigas (17,9%) do que nos rapazes (6,9%) ( $\chi^2= 57,684$ ,  $p < 0,001$ )
- O que também se constata no que diz respeito à retenção escolar. Ou seja, as/os inquiridas/os que já reprovaram apresentam maior proporção de sintomas depressivos.
- Esta maior incidência de **sintomatologia depressiva** é também mais elevada nas/os jovens com pais mais escolarizados.
- A sintomatologia depressiva, quando relacionada com a retenção escolar, também revela diferenças de género. Ou seja, a maioria dos rapazes com sintomatologia depressiva já ficaram retidos alguma vez na vida (54,4%), enquanto que a maioria das raparigas com sintomatologia depressiva nunca reprovou de ano (52,5%).



## EPIDEMIOLOGICAL HEALTH INVESTIGATION OF TEENAGERS IN PORTO 2003 – 2013

O estudo EPITeen – a coorte de 1990 - é um projeto único em Portugal que desde 2003 acompanha adolescentes nascidos em 1990. O projeto tem como objetivo principal compreender de que forma os hábitos e comportamentos da adolescência se vão refletir na saúde do adulto.

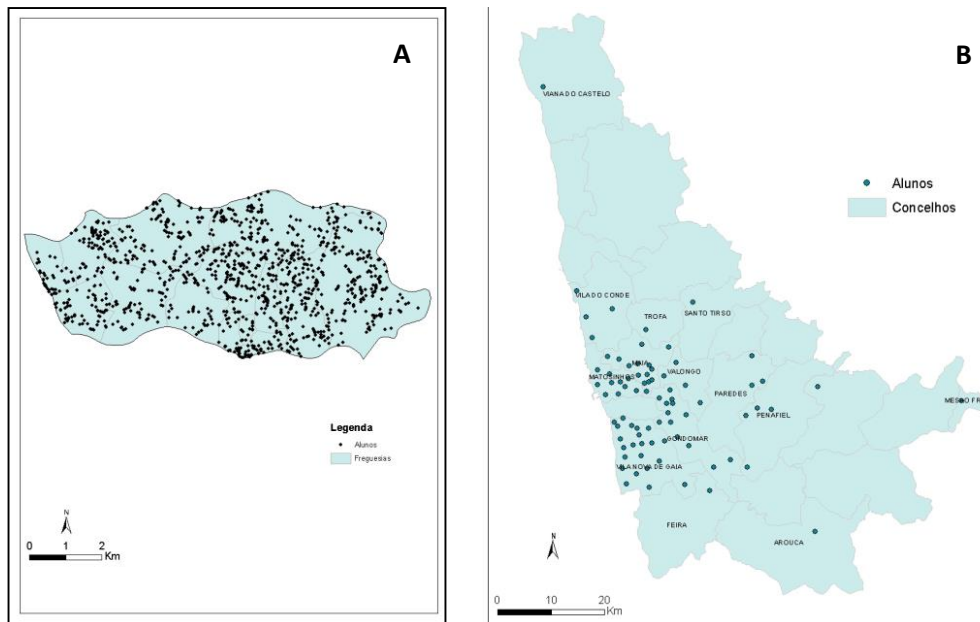
A primeira avaliação foi realizada nas escolas públicas e privadas da cidade do Porto no ano letivo 2003/2004, isto é, quando os adolescentes tinham 13 anos. Os adolescentes foram novamente avaliados em 2007/2008 (17 anos) e em 2011/2013 (21 anos). Pretende-se que os 2942 participantes sejam acompanhados ao longo da vida.



**Figura 1** – representação dos momentos de avaliação no âmbito do projeto EPITeen

Em todas as avaliações uma equipa multidisciplinar de profissionais de saúde recolhe informações através de questionários e efetua medições objetivas, tais como a pressão arterial, o peso e a estatura, a densidade mineral óssea e a função respiratória. São também realizadas análises sanguíneas.

Embora a base de amostragem tenham sido as escolas da cidade do Porto, mesmo os participantes que residem fora da cidade são acompanhados pela equipa do EPITeen.



**Figura 2** – distribuição geográfica dos participantes pelo local de residência a quando do recrutamento (A – residentes na cidade do Porto; B – restantes participantes).

Um vasto conjunto de informação essencial para sustentar a tomada de decisão no âmbito de políticas de saúde e de educação foi recolhido ao longo das três avaliações. Além de informação sobre características de saúde, como obesidade, pressão arterial e massa óssea, também é possível caracterizar o percurso académico destes adolescentes; conhecer a evolução dos seus comportamentos, por exemplo, consumo de substâncias, ingestão alimentar e prática de desporto. A título de exemplo, nos parágrafos seguintes apresentamos alguns dos resultados obtidos.

### **Percurso académico e profissional**

Dos participantes avaliados aos 21 anos (2011/2013), a média de escolaridade foi de 13 anos e 65% ainda estavam a estudar. Dos restantes, 8,6% tinham completado o 9º ano e 26,8% o ensino secundário.

Verificamos que 15% dos adolescentes estavam a trabalhar a tempo integral, 6% a tempo parcial e 14% encontravam-se desempregados ou à procura do primeiro emprego. Dos que estavam a trabalhar em tempo parcial, 38% estava nesta situação porque não tinha

conseguido um emprego a tempo integral. Verificamos ainda que de todos os participantes avaliados 1,5% tinha emigrado para obter emprego.

### **Comportamentos rodoviários**

Com o objetivo de identificar potenciais alvos de intervenção para minimizar os acidentes de viação foram recolhidos, aos 21 anos, alguns dados sobre este tema. Mais de 75% dos jovens referiu que conduzia algum veículo motorizado e destes 34% referiu ter tido algum acidente enquanto condutor. A grande maioria refere terceiros como os responsáveis pelo acidente, mas cerca de 3% refere o consumo de bebidas e cerca de 14% o excesso de velocidade como causas do acidente.

Do total de adolescentes que conduz ou conduziu um veículo a motor, aproximadamente 60% referiu que já tinha conduzido com sono e mais de 70% refere ter usado o telemóvel quer para chamadas quer para mensagens enquanto conduzia.

### **Violência**

Os comportamentos de violência intencional foram avaliados aos 17 anos (envolvimento em lutas) e aos 21 anos (violência entre parceiros íntimos).

Aos 17 anos, 49% dos rapazes e 20% das raparigas reportaram o envolvimento em lutas físicas pelo menos uma vez durante o último ano. A escola foi indicada por 45% dos adolescentes como o lugar onde ocorreram os episódios de luta, e os adolescentes que se envolveram em lutas aos 17 anos apresentavam uma maior probabilidade de estarem envolvidos noutros comportamentos associados a risco para a saúde.

Aos 21 anos, cerca de 90% dos participantes referiram estar numa relação íntima (maioritariamente numa relação de namoro). Destes, 60% reportaram pelo menos um ato de agressão psicológica (por exemplo, insultar e dizer palavrões ao companheiro ou fazer ameaças), 30% um de coerção sexual (por exemplo, insistir em ter relações sexuais quando o companheiro não queria) e 18% atos físicos (por exemplo, bater no companheiro ou atirar um objeto com intenção de magoar o companheiro), sendo que não foram encontradas diferenças de género. Verificou-se ainda que mais de metade dos participantes envolvidos em violência eram simultaneamente vítimas e agressores.

Os adolescentes que se envolveram em lutas físicas aos 17 anos apresentavam uma maior probabilidade de se envolverem em atos de violência no relacionamento íntimo aos 21 anos.

## **Uso de tabaco e álcool**

Os resultados dos 13 anos mostraram que o uso de tabaco era maior no sexo feminino do que no sexo masculino. Aos 21 anos a proporção de jovens que referiu fumar regularmente foi de 41,4% no sexo masculino e de 35,9% no sexo feminino. Quando analisamos os motivos para fumar verificamos que fumar na adolescência tinha como objetivo melhorar o estatuto entre os colegas e ser uma forma de manter as relações sociais. Verificamos também que os adolescentes estavam conscientes das implicações graves do tabagismo para a saúde, mas só referiram efeitos a longo prazo, sem percecionarem consequências durante a adolescência. Verificámos também que tinham dificuldades em indicar potenciais medidas preventivas orientadas para os adolescentes.

Aos 13 anos, metade dos adolescentes referiu que já tinha experimentado bebidas alcoólicas, e aproximadamente 5% bebia pelo menos uma vez por mês. A maioria dos adolescentes reconhecia que o consumo de bebidas alcoólicas era prejudicial, mas apenas reconhecia efeitos temporários e sem gravidade e apenas quando o consumo era em grandes quantidades, o que enfatiza a necessidade de programas de prevenção. Aos 21 anos, 64% dos adolescentes reportaram que já se terem embriagado, sendo a média (entre os que referiram que já se embriagaram) de 7 vezes nos 12 meses anteriores à entrevista.

## **Consumo de drogas ilícitas**

Aos 17 anos, 14,6% dos adolescentes já tinham experimentado drogas pelo menos uma vez. A droga ilícita mais usada foi canábis (12,5%), seguida pelo álcool em conjunto com a cannabis (5,5%), e tranquilizantes (1,7%). O motivo mais referido para experimentar drogas foi a curiosidade (77,5%). Quanto à forma como obtiveram a droga, os amigos foram o meio mais referido, mas a escola foi visto por 24,2% dos adolescentes como um lugar onde era possível obter cannabis. Aos 21 anos, a proporção que refere já ter experimentado canábis é 41%, sendo a idade média do primeiro consumo os 17 anos.

## **Actividade física**

Aos 13 anos apenas 60% dos rapazes e 40% das raparigas refere fazer algum desporto fora da atividade letiva obrigatória, o que mostra a importância da escola na promoção da atividade física.

Quando contrastamos a frequência da prática de desporto com a existência de equipamentos de utilização gratuita ou quase gratuita na proximidade do local de residência entre os que

residiam na cidade do Porto, verificamos que quase 90% dos adolescentes têm algum equipamento a menos de 500m da sua residência. No entanto, a maior parte dos equipamentos oferece atividades semelhantes (futebol e/ou futsal, basquete e voleibol) o que resulta em oferta pouco variada, não existindo praticamente oferta das atividades mais procuradas pelas adolescentes do sexo feminino (natação, dança e/ou balé e fitness) o que poderá contribuir para que nesta população seja a prática de atividade física seja menor do desejável.

### **Media**

Aos 13 anos, a proporção de adolescentes que em média gastava mais de 2 horas por dia a ver televisão foi de 48%. Considerando o tempo total de exposição (televisão e computador), 62,7% das meninas e 76,9% dos meninos relataram passar mais do que 2 horas por dia nestas atividades. Não houve diferenças significativas entre os sexos em relação ao tempo gasto a ver televisão. No entanto, os meninos passam significativamente mais tempo no computador, especialmente durante o fim-de-semana. Os adolescentes de famílias socioeconômicas mais favorecidas reportaram um menor uso de televisão e de computador. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação ao índice de massa corporal, mas os adolescentes que veem mais de 2 horas de televisão por dia apresentaram uma ingestão alimentar menos saudável e referiram uma menor prática de desporto. Verificámos, também, que os adolescentes que aos 13 anos passavam mais tempo a ver TV e no computador também utilizavam mais no final da adolescência (17 anos).

### **Ingestão alimentar**

A ingestão alimentar foi avaliada com mais profundidade aos 13 e aos 21 anos. Aos 13 anos verificamos que, no geral a ingestão de proteína estava dentro do recomendado, mas 22% dos adolescentes ingeria mais gordura do que o recomendado. Além da carne, os doces e produtos de pastelaria eram as principais fontes de gordura. Verificamos também que embora o consumo de fruta fosse próximo do recomendado, a ingestão de hortícolas é insuficiente. Aos 21 anos estes resultados mantêm-se semelhantes, mas verificamos uma redução da proporção de jovens que toma o pequeno-almoço regularmente.

### **Imagem corporal e perturbações do comportamento alimentar**

Na primeira avaliação, verificamos que 42% das meninas e 34% desejavam ser mais magros do que a imagem que achavam que tinham (por outro lado, 16% das meninas e 34 % dos meninos



desejavam ter uma figura maior). Verificamos que os adolescentes que desejavam ter uma imagem diferente da que achavam que tinham referiam mais sintomas de depressão. Este resultado mantinha-se aos 17 anos e era o principal determinante de fazer dieta, mais do que o real excesso de peso que seria uma razão para justificar este comportamento.

### **Obesidade**

Aos 13 anos a prevalência de obesidade foi de 10% e a de excesso de peso 17%. Aos 17 anos, os valores de prevalência de obesidade e de excesso de peso reduziram para 6% e 13%. Aos 21 anos, mantêm-se a prevalência de obesidade, mas aumenta a de excesso de peso para 19%. Assim a adolescência pode ser um período chave de intervenção para minimizar o risco de obesidade na idade adulta. Os principais determinantes de excesso de peso são o excesso de peso nos progenitores, passar mais tempo em atividades sedentárias e menor duração do sono. Numa subamostra para a qual temos informações do peso desde o nascimento foi possível ainda verificar que o período dos 5-6 anos de idade (momento em que ocorre o ressalto adipocitário, isto é, a fase em que após um período de decréscimo, o crescimento volta a registar uma tendência crescente) pode ser outro momento chave de prevenção, pois as crianças com um decréscimo menos acentuado de IMC e, portanto, com a ocorrência mais precoce do ressalto adipocitário, são as que apresentam maior risco de desenvolver obesidade posteriormente.

### **Pressão arterial**

Aos 13 anos a prevalência de hipertensão foi de 22,0 %. Em todas as avaliações, ter obesidade ou excesso de peso é a característica que mais condiciona a ocorrência de valores elevados de pressão arterial.

### **Asma e doença alérgica**

A prevalência da asma durante a vida foi de 12,9%, 84,4% com diagnóstico médico. A pieira durante a vida foi 18,3% e no último ano de 9,3%. A rinite foi relatada por 10,1%, mas a prevalência durante a vida de adolescentes com espirros, rinorreia serosa ou obstrução nasal, foi de 32,0%, e no último ano de 27,4%. Estes valores são semelhantes aos que tinham sido encontrados pelo estudo ISAAC em 2002 e superiores aos de 1995 suportando a hipótese de um aumento na prevalência destas patologias.

A avaliação longitudinal destes participantes mostra que os doentes com asma conseguem obter provas de função respiratória dentro de parâmetros normais, mas com valores abaixo dos adolescentes sem patologia.

## Violência

Fraga S, Ramos E, Dias S, Barros H. Physical fighting among school-going Portuguese adolescents: Social and behavioural correlates. *Prev Med.* 2011; 52: 401-4.

Sílvia Fraga. Interpersonal violence: From methodological options to population results. Programa Doutoral em Saúde Pública. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. 1 de Julho 2013.

## Uso de tabaco e álcool

Fraga S, Ramos E, Barros H. Uso de tabaco por estudantes adolescentes portugueses e fatores associados. *Rev Saúde Pública.* 2006; 40(4): 620-6.

Fraga S, Sousa S, Ramos E, Dias S, Barros H. Alcohol use among 13-year-old adolescents: Associated factors and perceptions. *Public Health.* 2011;125(7): 448-56.

S, Sousa S, Ramos E, Dias I, Barros H. Representações sociais do comportamento de fumar em adolescentes de 13 anos. *Rev Port Pneumol.* 2011; 17(1): 27-31.

Lucas R, Fraga S, Ramos E, Barros H. Early initiation of smoking and alcohol drinking as a predictor of lower forearm bone mineral density in late adolescence: a cohort study in girls. *PloS one.* 2012; 7(10): e46940.

Sílvia Jesus Silva Fraga. Comportamento de fumar em adolescentes: representações sociais e determinantes. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 24 de Abril de 2008

## Consumo de drogas ilícitas

Neto C, Fraga S, Ramos E. Consumo de substâncias ilícitas por adolescentes portugueses. *Rev Saúde Pública.* 2012; 46(5):808-15.

Carla Sofia Azevedo Barbosa Neto. Consumo de drogas ilícitas por adolescentes: caracterização e análise de factores associados. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 4 de Junho de 2010.

Sofia Trigo. Consumo de cannabis entre adolescentes: prevalência e causas. Mestrado em Educação para a Saúde. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. 6 de Dezembro de 2011.

## Actividade física

Autran RG, Ramos E, Pina MF, Santos MP. A associação entre a proximidade a equipamentos desportivos e a prática de atividade desportiva em adolescentes de 13 anos de idade do Município do Porto, Portugal. *Cadernos de Saúde Pública,* 2012; 28(3): 549-58.

Alexandre Pedro Tavares da Fonseca Magalhães. How distances to urban green spaces and open sport spaces can influence physical activity in teenagers of Porto community, The Epitteen (Epidemiological health investigation of teenagers in Porto) cohort. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 13 de Dezembro de 2010.

Daniela Simões. Effect of Physical Activity on Bone Mineral Density in Adolescents. Curso de Mestrado em Epidemiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. 2012

## Media

José Godinho. Television and computer exposure in Portuguese adolescents: trends during adolescence. Curso de Mestrado em Educação para a Saúde da Universidade do Porto. 2012

Andreia Henriques da Costa. Effects of television viewing on food and nutrients intake among adolescents. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 2 de Dezembro de 2010

## Ingestão alimentar

Araújo J, Severo M, Lopes C, Ramos E. Food sources of nutrients among Portuguese adolescents. *Public Health Nutr.* 2011; 14(11):1970-8.

Monjardino T, Lucas R, Ramos E, Barros H. Associations between a priori-defined dietary patterns and longitudinal changes in bone mineral density in adolescents. *Public Health Nutr.* 2012 Nov 13:1-11. [Epub ahead of print].

Ramos E, Costa A, Araújo J, Severo M, Lopes C. Effect of television viewing on food and nutrient intake among adolescents. *Nutrition.* 2013 [in press].

Lodato F, Araújo J, Barros H, Lopes C, Agodi A, Barchitta M, Ramos E. Caffeine intake reduces sleep duration in adolescents. *Nutr Res.* 2013 [in press].

Tânia Raquel da Torre Franco. Prevalência de ingestão inadequada de alimentos e seus determinantes em adolescentes do Porto. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 14 de Outubro de 2009

Cristiana Setas. Perceived body image, obesity and food intake in 13-years old adolescents. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. 2010

Andreia Henriques da Costa. Effects of television viewing on food and nutrients intake among adolescents. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 2 de Dezembro de 2010

Teresa Monjardino. Association between dietary patterns and longitudinal changes in bone mass in urban adolescents. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 2012

### **Imagem corporal e perturbações do comportamento alimentar**

Costa C, Ramos E, Severo M, Barros H, Lopes C. Determinants of Eating Disorders Symptomatology in Portuguese Adolescents. Arch Pediatr Adol Med. 2008; 162(12): 1126-32.

Costa C, Ramos E, Severo M, Torres A, Barros H, Lopes C. Propriedades psicométricas do eating disorders inventory em adolescentes Portugueses. Acta Med Port. 2007; 20: 511-24.

Almeida S, Severo M, Araújo J, Lopes C, Ramos E. Body image and depressive symptoms in 13-year-old adolescents. J Paediatr Child Health. 2012; 48(10): E165-71.

Costa C. Determinantes de Perturbações do Comportamento Alimentar em Adolescentes Portugueses. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 2008

Sandra Marisa Rosmaninho Almeida. Body image and depressive symptoms in 13-year-old adolescents. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 9 de Dezembro de 2010.

### **Obesidade**

Ramos E, Barros H. Family and school determinants of overweight in 13-year-old Portuguese adolescents. Acta Paediatr. 2007; 96(2): 281-6.

Araújo J, Severo M, Ramos E. Sleep duration and adiposity during adolescence. Pediatrics. 2012; 130(5):e1146-e1154.

Joana Filipa Campos Araújo. Determinants of longitudinal changes in body mass index and body fat during adolescence: the role of sleep duration. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 30 de Novembro de 2010.

Ana Sofia Azevedo. Determinantes comportamentais da obesidade em adolescentes de 17 anos – estudo EPITeen. Curso de Mestrado em Educação para a Saúde da Universidade do Porto. 2012

Vanessa Dias. Contributo da avaliação das Pregas Cutâneas Bicipital e Tripital: na identificação de obesidade e excesso de peso em adolescentes. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 2012

### **Pressão arterial**

Ramos E, Barros H. Prevalência de Hipertensão Arterial em Adolescentes de 13 anos da Cidade do Porto. Rev Port Cardiol. 2005; 24(9): 1075-87.

Paciência I, Barros H, Araújo J, Ramos E. Association between sleep duration and blood pressure in adolescents. Hypertens Res. 2013; 36(8): 747-52.

Inês Paciência. Association between sleep duration and blood pressure in adolescents. Curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade do Porto. 2012

### **Asma e doença alérgica**

Fraga S, Ramos E, Martins A, Samúdio MJ, Silva G, Guedes J, Oliveira Fernandes E, Barros H. Indoor air quality and respiratory symptoms in Porto schools. Rev Port Pneumol 2008; 14: 487-507

Falcão H, Ramos E, Marques A, Barros H. Prevalence of asthma and rhinitis in 13 year old adolescents in Porto, Portugal. Rev Port Pneumol. 2008; 14: 747-68.